

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A NATUREZA, O SAGRADO E O HOMEM

Some considerations about the nature, the sacred and the man

Luiz Fernando Bandeira de Melo^(*)

Resumo

A Natureza, fonte da sobrevivência humanas e tão deploravelmente degradada por ações exterminadoras do seu próprio beneficiário, o homem, foi, é, e continuará sendo palco e motivo de representações religiosas. Não me deterei nos prejuízos causados a ela, mas é necessário acrescentar que a Natureza não é apenas um contributo dos bens materiais humanos, mas também a principal origem da sua vinculação com Deus. É utilizando a fauna e a flora que o homem idealiza lendas para atender o imaginário representativo dos deuses, com seus atributos e características, historiadas nas diversas civilizações pela biografia mundial. Tratarei, portanto, do Sagrado e a busca do homem na relação divina entre a Natureza, e os seus deuses.

Palavras-chave: Sagrado. Natureza. Homem. Religiosidade.

Abstract

The Nature, source of human survival and so badly degraded by exterminator of your own actions beneficiary, the man, was, is, and will continue to stage and reason of religious representations. I will not elaborate on the damage caused to her, but it is necessary to add that nature is not only a contribution of material goods, but also the main source of your binding with God. Is using the fauna and flora that idealizes man legends to answer the representative of imaginary gods, with their attributes and features, the different civilizations by historiated world biography. I will try, therefore, of the Sacred and the search for the man in the relationship between the divine Nature, and their gods.

Keywords: Sacred. Nature. Man. Religiosity

1 INTRODUÇÃO

O meio ambiente que a humanidade usa para sua sobrevivência e que tão deploravelmente está degradado pelas ações poluidoras e exterminadoras do próprio beneficiário, o homem, foi, é, e continuará sendo palco e motivo de representações da religiosidade desse homem que desgasta a Natureza, fonte de todas as suas necessidades. Não me deterei em discorrer sobre os prejuízos causados a essa origem dos suprimentos materiais da vida humana, a Natureza, ocasionados pela ignorância, imprudência, ganância de quem usufrui dos seus predicados oferecidos pela sagrada

^(*)Doutorando em Filosofia pela Universidade de Coimbra (UC), defendendo a tese da verossimilhança dos pensamentos filosóficos-religiosos sobre a imortalidade e transmigração da alma em Sócrates e Platão, e em Hippolyte Leon Denizard Rivail, separados por mais de dois mil anos (2015). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) com a dissertação de título: *Sócrates e a influência dos cultos de mistérios no Êutifron* (2015). Pesquisador em Filosofia Antiga no NEFAH (UFU).

criação divina. Mas é necessário acrescentar que a Natureza não é apenas um contributo dos bens materiais para a humanidade, mas é também a principal origem dos componentes que o homem encontra para materializar sua vinculação com Deus.

É utilizando a fauna e a flora que o homem idealiza lendas para atender seu imaginário representativo do que são os deuses, seus atributos e características, nas diversas civilizações historiadas pela biografia mundial.

Essa inigualável criação divina, sustenta a humanidade produzindo exemplos nos diversos habitats da Terra, onde, principalmente alguns animais são interpretados como representantes dos deuses conhecidos através das antigas tradições. O Sagrado então se manifesta, as vezes de maneira estranha para a contemporaneidade, mas com extremo significado místico e religioso, conciliando formas e caracteres de animais aos imaginários deuses protetores de homens e comunidades que povoam suas lendas.

Entendo que a religiosidade articula as reflexões do homem ao Sagrado apresentando em todas as suas denominações a Natureza contumazmente envolvida ou aliada à divindade, e que ambos, Sagrado e Natureza, fazem parte da necessidade evolutiva e salvadora do futuro da humanidade. Mesmo quando os deuses da antiguidade significavam forças da natureza, como os homéricos, revestidos de atribuições, características, emoções e aspectos humanos, num expressivo antropomorfismo peculiar de cada comunidade, aquela religiosidade deixava para longe as forças obscuras e incontroláveis do desconhecido, afastando-se dos terrores do sobrenatural inexplicável das doutrinas ocultistas.

A Natureza é, de maneira indiscutível, um elo entre o homem e a sacralidade desde os primórdios das experiências religiosas da civilização. A Bíblia em seu Velho Testamento apresenta a *Árvore da Vida*, uma das árvores especiais que Deus colocou no centro do jardim chamado *Éden* e uma outra, a "*Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal*", de cujo fruto, Eva, e depois Adão, acabaram por comer por influência de uma serpente:

Depois o Senhor Deus plantou um jardim, na região do *Éden*, no Leste, e ali pôs o set humano. O Senhor fez com que ali crescessem árvores lindas de todos os tipos, que davam frutas boas de se comer. No meio do jardim ficava a árvore que dá vida e também a árvore que dá o conhecimento do bem e do mal. (*Gênese*, 2:8,9).¹

¹ Todas as minhas citações sobre o Velho Testamento estão em "*Bíblia de Estudo DESPERTAR – Nova tradução na linguagem de hoje*". (Barueri: São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 2011).

E, assim, é fundamental observar que o homem entendeu durante sua marcha evolutiva milenar² que a própria existência não é unicamente oriunda da Natureza, mas provem de uma criação ancestral sagrada representada em sua consciência por um Ser superior às suas percepções e sensibilidades e principalmente, superior às coisas daquela Natureza que ele passa a conhecer com o decorrer dos séculos e milênios.

Trataremos, portanto, de como o Sagrado é notável em a Natureza, e como o homem buscou em diversos momentos da historicidade religiosa, fazer uma relação divina entre os representantes da flora e, mais precisamente da fauna, com a criatividade necessária de mostrar nos atributos dos animais, como seriam seus deuses materializados pelo pensamento sacralizado, utilizando imagens para atender aos rituais necessários à manutenção dos mitos que compunham suas seitas na Antiguidade, e que ainda mantêm vivas aquelas tradições na memória da humanidade.

2 A NATUREZA NA GRÉCIA ANTIGA

É notória e de conhecimento amplo a preocupação dos gregos com a *Physis*, (verbeta transliterado do grego *Φύσις*), nos evos que antecederam o período clássico, cuja tradução mais comum é Natureza. José Ferrater Mora aplica duas interpretações que não são excludentes ao verbete. Anota o enciclopedista que os gregos podiam entender a *physis* como ‘natureza’ ou como ‘sobre a natureza’ ou ‘da natureza’, afirmando que:

“Os dois sentidos não são necessariamente incompatíveis. Além disso, em ambos os casos a *physis* pode referir-se a “tudo quanto há” no sentido de que “tudo quanto há” emerge dessa fonte de movimento que poderia ser simplesmente “o ser” ou “a realidade”. (MORA, 2004, p. 2271 – Tomo III).

Portanto, esta palavra grega pode ter um significado mais abrangente, referindo-se também a uma realidade mística e religiosa, mostrando conotações inacabadas com ideias de origem, eternidade, imortalidade, imperecibilidade, mas que assimilam transformações em constante movimento nas suas essências, como assim entendo a resposta do professor Miguel Spinelli à questão: Qual o princípio fundamental da *physis*?

² Já há um consenso em direção às comprovações arqueológicas que mostram artefatos do *homo sapiens* com mais de 200 mil anos. Para aprofundamento na evolução da espécie *Homo*, sugiro entre outros textos, *Sapiens – Uma breve história da humanidade*, de Yuval Noah Harari; *Deus – Uma história humana*, de Reza Aslan; e *A história secreta da raça humana*, de Michael A. Cremo e Richard L. Thompson.

Tudo o que nasce está destinado a ser o que deve ser e não outra coisa. Esse nascer destinado, pelo qual o que nasce se submete a um processo de realização, é a *phýsis*, e, como tal, a *archê*. No cosmo tudo se mistura. Esse entrelaçamento, no entanto, diz respeito a uma ordem, de modo que tanto a *phýsis* como a *archê* não são expressões do anárquico, tampouco do ocasional. O que esses termos conjuntamente designam é o que ocorre sempre ou de *ordinário*, mas com uma eficácia tal que "dispara" sempre (como se fosse um gatilho biológico) "o que é melhor dentre todo o possível" (SPINELLI, 2006, p. 36/37).

Nesse viés interpretativo, onde a *phýsis* expressa um considerável princípio de movimento do transformar-se das coisas em aparências de acordo como cada um as vê em distintos aspectos, afirmo que o sincretismo das formas utilizadas da Natureza para representar os deuses e/ou simplesmente o Sagrado, porta-se tal como viga sustentadora das inúmeras tipificações de religiosidade oriundas do mundo antigo perpetuadas até os dias atuais.

Sustento porém, que a Natureza entendida na Grécia Antiga não possuía, assim como hodiernamente, o mistério predatório do sobre-humano, mas sim a beleza da criação de um deus de amor incondicional. Metaforicamente posso inferir tal afirmativa com uma interpretação alegórica dos poemas de Parmênides e Empédocles, *Sobre a Natureza*, em que o segundo – pré-socrático do início do século V a.C. – deixa transparecer esse amor homogêneo e contínuo na primeira fase de seu poema, à semelhança do que Parmênides – este do final do século VI a.C. – apresenta sobre o ser. Adiante, Empédocles mostra duas fases distintas, onde o ódio crescente se digladiava num esforço de sobrepular-se ao domínio da Natureza representada pelos quatro elementos água, ar, terra e fogo, mas que no final são novamente unidos pelo amor do ser divino, numa volta às ideias parmenidianas, onde um Deus maior se sobrepõe.

Considero, com esta lembrança de Empédocles, que a filosofia e a religião sempre estiveram uníssonas em apresentar os deuses e a Natureza unidos pelo amor divino, como percebemos nos movimentos de religiosidade da Grécia clássica. Aliás, André Leonardo Chevitarese e Gabriele Cornelli, mostram o helenismo que influenciou as religiosidades mediterrâneas, inclusive o judaísmo, transformar-se de forma "globalizada" numa "literatura transcultural entre mundos místicos diferentes", tornando seus estudos intrincados e naturalmente dependentes entre si, mas que só alcançam entendimento, assim interpreto, sob a égide de um Deus supremo:

O desafio dos estudos da religião do mundo helenístico grego e judaico é o da elaboração de uma convergência significativa. Aproximação, encontro e desencontro: a dinâmica

religiosa do mundo helenístico revela uma dinamicidade viva, uma troca contínua de formas e conteúdos. (CHEVITARESE; CORNELLI), 2007, p. 81.)

Assim esses autores concluem o assunto: “Alguém já definiu o helenismo como uma “grande praça”, onde várias culturas, tradições, interesses econômicos e políticos contribuíram para criar algo extremamente original e – ao mesmo tempo – profundamente sincrético.” (CHEVITARESE; CORNELLI), 2007, p. 100). Sincrético ao considerar todos os deuses do panteão grego³ com toda sua representatividade regidas pela Natureza, cuja pujança dos seus efeitos elencados segundo a religiosidade do período clássico, estavam totalmente imbricados com as características dos fenômenos físicos conhecidos à época. Mas é interessante lembrar algumas peculiaridades sobremaneira importante que os homens da Antiguidade legaram a respeito do que ainda preservamos. Hoje nossos sentidos de sacralidade possuem intercâmbios com a Natureza corroborados com o pensamento de sincretismo mostrado pelos autores citados.

Como representação mais precedente da Natureza sagrada, Hesíodo mostra *Gaia* (*Gaía* em grego), a Terra-Mãe de tudo, e que após o ‘caos’ inicial do universo se torna a geradora única de todos os elementos (*Teogonia*, 115, 2 a 4):

Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também Terra
De amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,
Dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado.⁴

Enfatizo para concluir as citações sobre o politeísmo grego, o papel das *Ninfas*⁵ no imaginário religioso dos atenienses. Semideusas que se utilizando da Natureza conduziam suas ações diárias de proteção aos homens, conservando a predestinação de sacralidade conceituada pelos mitos homéricos e hesiódicos. Tais divindades secundárias, nascidas da Terra-Mãe, tinham a tarefa sagrada de reger fenômenos da Natureza, como das águas e das selvas.

³ Ver os três volumes de Junito de Souza Brandão sob o título *Mitologia Grega*.

⁴ Ητοι μεν πρστιστα Χαος γενει αυταρ επειτα
Γαι ευρυστερνος, παντων εδος ασφαλες αιει
Αθανατων οι εχουσι καρη νιφοεντος Ολυμπου (HESÍODO, 2007, p. 109)

⁵ Do grego Νύμφη, que, segundo Junito de Souza Brandão “parece significar ‘a que está coberta com um véu’, ‘noiva’”. (BRANDÃO, 2009, p. 223, volume I). Existe um consenso entre os historiadores de que as *ninfas* eram espíritos, habitantes dos lagos e riachos, bosques, florestas, prados e montanhas. Para os fenômenos dos mares (*Oceânidas* e *Nereidas*); dos rios *Potâmidas*); dos ribeiros e riachos (*Náiades*); das fontes e nascentes (*Creneias* e *Pegias*); dos lagos e lagoas (*Limneidas*). (BRANDÃO, 2009, p. 223, volume I).

3 O SAGRADO E A NATUREZA ENTRE OS HOMENS

O que poderia estimular os homens a acreditar em seres espirituais como deuses representados pela Natureza? A Filosofia mostra que no pensamento primitivo ou arcaico da humanidade a religiosidade era dominada por um vínculo entre os deuses e a Natureza. Estamos falando de uma Mesopotâmia onde na sua região sul encontrava-se a Suméria, considerada por muitos como berço da civilização, e ainda de um Antigo Egito portador de lendas e religiosidades que apropriavam, em especial, animais considerados sagrados. Nessas civilizações a Natureza estava vinculada a seus deuses, pois a crença religiosa legada desde o *homo sapiens* transbordava em obscuras explicações sobre o desconhecido e inexplicável poder dos deuses, superiores aos humanos, normalmente caracterizados pelas forças dos animais ou misturas de alguns, num único ser híbrido. Assim, essas experiências religiosa têm em a Natureza o mote sempre suscetível de revelar-se como sacralidade, tornando essas experiência uma hierofania.⁶

Ao buscarmos o pensamento cristão, encontramos a mesma imbricação do Sagrado, representado pelo Criador e sua obra, e a Natureza, principalmente quando perpassamos as atenções ao primeiro texto do pentateuco, *Gênese*, cujas informações iniciais apontam para um Deus de bondade, onde a primazia mostra todo um aparato da criação sagrada do sol, das águas, da terra, da fauna e de toda a Natureza posta à disposição da humanidade vindoura. Congruentemente os gregos anteriores à era cristã, mantinham seus deuses intensamente relacionados aos atos, fatos ou representações da Natureza. Alicerçamos tal afirmação quando observamos Mircea Eliade considerar que:

Para o homem religioso, a Natureza nunca é exclusivamente “natural”: está sempre carregada de um valor religioso. Isto é facilmente compreensível, pois o Cosmos é uma criação divina: saindo das mãos dos deuses, o Mundo fica impregnado de sacralidade. Não se trata somente de uma sacralidade comunicada pelos deuses, como é o caso, por exemplo, de um lugar ou um objeto consagrado por uma presença divina. Os deuses fizeram mais: manifestaram as diferentes modalidades do sagrado na própria estrutura do Mundo e dos fenômenos cósmicos. (ELIADE, 2008, p. 99)

O Sagrado está representado na Natureza na maioria das observações dos pensadores que religiosamente ou teologicamente tentam demonstrar a criação da humanidade e seu habitat. No livro mais editado e lido pelos homens, a *Bíblia*, encontramos de maneira alegórica a criação do ser humano dentro de um ambiente onde a Natureza exuberante proporciona-lhe o necessário para sua existência e sobrevivência,

⁶ Adiante discorrerei com mais detalhes sobre hierofania.

como está escrito em *Gênesis*, 1:29 – “Para vocês se alimentarem, eu lhes dou todas as plantas que produzem sementes e todas as árvores que dão frutas”.

Aproprio as palavras de Rudolf Otto do texto *O Sagrado*, para considerar nossa ideia sobre o significado do termo que intitula o livro, e assim conduzir sua correlação com a Natureza:

Para toda e qualquer ideia teísta de Deus, sobretudo para a cristã, é essencial que ela defina a divindade com clareza, caracterizando-a com atributos como espírito, razão, vontade, intenção, boa vontade, onipotência, unidade da essência, consciência e similares, e que ela portanto seja pensada como correspondendo ao aspecto pessoal-racional, como o ser humano o percebe em si próprio de forma limitada e inibida. No divino, todos esses atributos são pensados como sendo "absolutos", ou seja, como "perfeitos". (OTTO, 2007, p. 33)

Parafraseando o autor, o cosmos, ambiente universalizado pelo ideário humano como tudo que existe para ser visto e vivido, possui sua sacralidade inteligível. Dessa maneira o homem também compreende ao se deparar com a Natureza – em especial com o ambiente de sua sobrevivência onde conserva a vida atendendo as necessidades elementares de alimentação e saúde – a sacralização do verdadeiro esforço pela obtenção do sustento junto aos dons da Natureza cuja manutenção é regida pelas leis divinas. Assim, como visto acima, Mircea Eliade aponta para uma Natureza transcendente em todos os seus significados, e que, apesar de seguir leis conhecidas pelo homem através de deduções e experiências, são inexoravelmente criadas por um Ser Superior a tudo – Deus.

O homem mostrou em sua evolução religiosa a necessidade de representar as forças da Natureza como interferências do sagrado, identificando em determinadas situações, inerentes às diferentes civilizações, um deus para cada situação, em que o temor de danos materiais pudessem ocorrer e, para esses deuses, desenvolveu formas distintas de venerá-los, agradá-los com sacrifícios e rogar para que males não sobreviessem.

Ao investigarmos a arqueologia nos mais antigos sinais encontrados dos hominídeos, nos deparamos com a deificação do pensamento, promovendo a existência de um deus superior a tudo e a todos. Levo o assunto para as descobertas na França, em especial as cavernas de Lescaux⁷ que, pesquisadas por Henri Édouard Prosper Breuil, encontrou na última das três grutas interligadas uma figura representativa do deus principal daquela civilização pré-histórica, sobrestimada através de testes específicos a

⁷ Descobertas em 1940, do rio Volp, no sopé dos montes Pirineus e conhecidas por Cavernas Le Trois-Frère.

uma vivência dos anos 18.000 a 16.000 antes da nossa era cristã. Reza Aslan assim descreve o ser pintado nas paredes da gruta:

É um homem – isso é certo. Mas é algo mais. Tem pernas e os pés de ser humano, mas as orelhas de veado e olhos de coruja. Uma barba longa e grosseira cai do queixo até o peito. Dois chifres lindamente lavrados se projetam de sua cabeça. Suas mãos se assemelham às patas de um urso. O tronco musculoso e as coxas pertencem a um antílope ou a uma gazela. (ASLAN, 2018, p. 26).

Figura 1 - Cópia do desenho feito por Henri Breuil da figura encontrada nas cavernas Les Trois-Frères, datada no período de 18.000 a 16.000 a.C.



Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/The_Sorcerer_\(cave_art\)](https://en.wikipedia.org/wiki/The_Sorcerer_(cave_art)).
Acessado em 20/5/2019 às 16h20.

Portanto, desde sua origem, há mais de duzentos mil anos, os homens reconheciam que tudo na Natureza, e acima de todos os deuses, está subordinado a um deus maior. Este pensamento define a humanidade como possuidora de um cognitivo, que desde o início da sua existência é intuído com a existência de um Ser único e superior – um Deus – apesar da existência e culto a outros deuses. Considero tal ideia teológica idêntica ao que é conhecido como henoteísmo⁸, expressão cujo significado estava presente e difundido na prática de crenças a partir do pensamento dos homens que acreditavam na existência de vários deuses subordinados a um maior e todo-poderoso, representando a principal divindade de qualquer panteão e portador dos atributos e aparência dos seus comandados. Assim o verbete é conceituado por Reza Aslan:

⁸ “HENOTEÍSMO (ai. *Henotheismus*). Termo cunhado por Max Müller (*Lect. on the Ortgin and Growth of Religion*, 1878) para indicar a crença segundo a qual, mesmo havendo uma única divindade para o povo ou nação a que se pertence, existem outras divindades para os outros povos e as outras nações”. (ABBAGNANO, 2007, p. 579).

“O henoteísmo também pode ser entendido como a crença em uma realidade definitiva singular que se manifesta sob a aparência de numerosos deuses e deusas, cada um dos quais, como avatares da realidade final, pode ser objeto de culto legítimo”. (ASLAN, 2018, p. 194).

Resta necessário distinguir o henoteísmo do panteísmo, do panenteísmo e do monoteísmo. O panteísmo diz respeito às religiões cujo deus supremo é único, mas abrange todo o universo e todas as coisas numa realidade única e integrada a tudo o que existe. O panenteísmo, segundo o criador deste termo, o pensador alemão Karl Christian Friedrich Krause, designa a doutrina entre o teísmo e o panteísmo, pois exprime a ideia de que “tudo está em Deus e Deus está em tudo” (MICHAELIS, 1998, p. 1539). E o último termo representa a ideologia das grandes religiões que hodiernamente alimentam a maioria dos anseios divinos da humanidade. No monoteísmo temos a crença em um único deus, soberano e criador de todas as coisas, cuja inteligência é a suprema e incomparável.

4 O SAGRADO E OS ANIMAIS: UMA PEQUENA HISTORICIDADE

O Sagrado tem um relacionamento com a Natureza desde a interpretação do próprio termo. O sentido das palavras está contemplado como “a primeira atitude que um sábio faria ao tornar-se dono do mundo” diz uma lenda chinesa (RIES, 2008, p. 9)⁹. Julien Ries demonstra a interlocução interpretativa na historicidade do verbete, perpassando suas definições hermeneuticamente por várias civilizações e por diversas áreas do saber como filosofia, sociologia, fenomenologia, antropologia, entre outras. Observamos também Manuel da Costa Freitas fazer uma abordagem sobre o termo, anotando uma conceituação que adoto para este trabalho¹⁰: “Fenômeno primitivo e universal, o Sagrado parece ter emergido da necessidade que o homem sempre experimentou de conciliar a natureza, vencer a morte e de se acolher a um céu comum e um poder imutável”. (LOGOS, 1992, p. 859, volume 4).¹¹

A ideia do Sagrado permeia as culturas de todos os povos, e seus cultos religiosos são sistematicamente direcionados à Natureza, como já mencionei acima, em especial aos animais, simbolizando deuses e povoando as mais interessantes lendas antigas. Esta

⁹ Com essa anedota Julien Ries inicia a apresentação do seu texto *O Sentido do Sagrado nas culturas e nas religiões*.

¹⁰ Ver ainda as ponderações conceituais de Rudolf Otto em *O Sagrado* e Mircea Eliade em *O Sagrado e o Profano*;

¹¹ Artigo assinado por Manuel da Costa Freitas no quarto volume de *Logos – Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*.

relação existente entre o Sagrado e a Natureza é historicamente inesgotável em seus exemplos. São incontáveis as seitas religiosas que utilizam esse sincretismo para seus rituais e simbolismo, elevando representantes da flora e fauna terrestres a condições de sacralidade.

Na Índia a vaca se tornou um animal sagrado, como acrescem Jostein Gaarder, Victor Hellern e Henry Notaker¹² : “é um animal sagrado na Índia e é adorada durante certas festas religiosas. Isso provavelmente se relaciona com um antigo *culto de fertilidade* talvez.” (GAARDER, HELLERN e NOTAKER, 2005, p. 47). Acreditam os autores que tal pensamento esteja vinculado aos hinos Vedas que a apresentam como o animal que “supre o que é necessário para sustentar a vida”. (GAARDER, HELLERN e NOTAKER, 2005, p. 47). Além da vaca, outros animais são tidos como sagrados para os hinduístas, como o macaco, o crocodilo e a cobra. Mas é importante observar que esse ambiente ritualístico fez seus adeptos repensarem o convívio com o próximo, pois segundo aqueles autores, “também abriu caminho para o ideal da não-violência, que ficou mais conhecido no Ocidente com a luta de Gandhi para tornar a Índia independente do colonialismo britânico.” (GAARDER, HELLERN e NOTAKER, 2005, p. 48).

A cultura asiática preserva a sacralidade de outro animal, o elefante. Conhecido e venerado entre os deuses da tradição religiosa hinduísta e védica, o *Ganesha* (*Ganexa*, *Ganesa*, *Ganesh*) é representado pela figura de um homem com a cabeça de um elefante. Considerado como o deus do intelecto, da sabedoria e da fortuna e, conforme aquela mitologia, o primeiro filho de Shiva, um dos deuses supremos do hinduísmo.¹³

¹² Ver *O Livro das Religiões* editado pela Companhia das Letras, São Paulo.

¹³ “Em termos gerais, Ganesha é uma divindade muito amada e frequentemente invocada, já que é o “Deus da Boa Fortuna” que proporciona prosperidade e fortuna é também o “Destruidor de Obstáculos” de ordem material ou espiritual. É por este motivo que sua graça costuma ser invocada pelos seus devotos antes de eles iniciarem qualquer tarefa (por exemplo: viajar, prestar uma prova, realizar um assunto de negócios, uma entrevista de trabalho, realizar uma cerimônia etc.) com mantras como: *Aum Shri Ganeshaya Namah* (“salve o nome de Ganesha”), ou similares. É também por esse motivo que, tradicionalmente, todas as sessões de *bhajan* (cântico devocional hindu) iniciam com uma invocação de Ganesha, o Senhor dos “bons inícios”. Por toda a Índia de cultura hindu, o Senhor Ganesha é a primeira deidade colocada em qualquer nova casa ou templo.” Wikipédia (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ganexa> - acessado em 20/5/2019 às 18h15).

Figura 2 - Estátua representando Ganesha datada de 1200-1300, de Karnataka, na Índia, em exibição no Museu de Arte Asiática de São Francisco nos Estados Unidos.



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ganexa>. Acessado em 20/5/2019 às 18h15

Na Tailândia o elefante é muito ligado à cultura daquela nação representando a prosperidade, sendo o branco, sagrado para os tailandeses, que o veneram há mais de cinco mil anos. Mantido como um símbolo nacional, sua silhueta está grafada na bandeira daquele país desde 1917¹⁴.

Figura 3 - Bandeira da Tailândia de 1817 até 1855.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_da_Tailandia.
Acessado em 22/5/2019 às 10h30.

¹⁴ Ver figura 2. “A atual Bandeira da Tailândia foi adotada em 28 de setembro de 1917 como uma modificação da bandeira anterior de 1916, apenas trocando a cor da faixa central de vermelho para azul. Esta modificação foi realizada como solidariedade aos países aliados na Primeira Guerra Mundial que foram: Estados Unidos, Reino Unido, França e Rússia sendo a bandeira de todos esses países Azul, Branca e vermelha. A bandeira é geralmente chamada de *Thong Trairong* (ธงไตรรงค์) que, em tailandês significa bandeira tricolor. A simbologia das cores é: O sangue derramado pelo país (vermelho), a pureza de seu povo protegido por sua religião (Branco) e a monarquia (Azul)”. (Wikipédia https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_da_Tailandia, acessado em 22/5/2019 às 10h30).

Outra sacralidade de animais está configurada na importância que a águia tem para os mexicanos. Comemorada nacionalmente no dia 13 de fevereiro, simboliza a força e a coragem. Sua imagem é configurada no brasão de armas daquele país e está representada no centro de sua bandeira. A devoção e culto à águia dourada no México é legado de uma lenda asteca que conta a fundação da cidade do México, chamada anteriormente de Tenochtitlan.¹⁵

Figura 4 – Brasão de armas do México



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_do_México.
Acessado em 22/5/2019, às 11h20.

Figura 5 – Adotada em 16 de Setembro de 1968 até a data presente, com o Brasão de armas.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_da_Tailândia.
Acessado em 22/5/2019, às 10h30.

Além da águia dourada e a serpente citados, os mexicanos veneram o jaguar como personagem sagrada, também oriunda das considerações religiosas antigas, cuja

¹⁵ Segundo esta lenda, os astecas, então uma tribo nômada, encontravam-se a vagarear pelo México em busca de um sinal que lhes indicasse o sítio exato de onde deveriam construir a sua capital. O deus da guerra Huitzilopochtli havia-lhes ordenado que procurassem uma águia pousada em cima de um cacto que crescia sobre uma rocha submersa num lago. A águia teria no bico uma serpente que acabara de caçar. Após duzentos anos de perambulações, encontraram o sinal prometido numa pequena ilha no pantanoso lago de Texcoco. Aqui fundaram a sua capital, Tenochtitlan, que mais tarde se tornou conhecida como Cidade do México, a atual capital do México. (wikipedia.org/wiki/Bandeira_do_México, acessado em 22/5/2019, às 11h20).

cosmovisão via nesse animal de hábitos noturnos, um relacionamento com o amor maternal devido os laços de proteção e afetividade que a fêmea presta a sua prole. Historiadores e antropólogos como Peter T. Furst¹⁶ defendem que as figuras do homem-jaguar¹⁷ encontradas na cultura mexicana não são apenas arte, mas indubitavelmente simbolizam deuses do lar ou colaboradores do mundo religioso, como espíritos familiares, antigos sacerdotes e xamãs, que participavam de rituais associados à proteção característica do jaguar, oriundos da cultura olmeca¹⁸ que, proveniente da Colômbia, instalou-se na região centro-sul do pré-clássico México.

Figura 6 - Dois jaguares-homens bebês no lado esquerdo do Altar 5 de La Venta.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaguar-homem_olmeca.
Acessado em 22/5/2019 às 11h50.

Buscando informações sobre o maior país geográfico do planeta, encontramos na China o dragão como referência cultural inofismável da religiosidade daquele povo. Convocado pelo deus *Pan Ku* (o deus criador chinês),¹⁹ o dragão foi um animal sagrado

¹⁶ Ver artigo *Jaguar Baby or Toad Mother: A New Look at an Old Problem in "Olmec Iconography"*, (FURST, Peter T. 1981).

¹⁷ Ver figura 5.

¹⁸ "Olmecas é a designação do povo e da civilização que estiveram na origem da antiga cultura pré-colombiana da Mesoamérica e que se desenvolveram nas regiões tropicais do centro-sul do atual México durante o pré-clássico, próximo de onde hoje estão localizados os estados mexicanos de Veracruz e Tabasco, no Istmo de Tehuantepec, numa zona designada área nuclear olmeca. A cultura olmeca floresceu nesta região aproximadamente entre 1500 e 400 a.C.,^[1] e crê-se que tenha sido a civilização-mãe de todas as civilizações mesoamericanas que se desenvolveram posteriormente.^[2] No entanto, desconhece-se a sua exacta filiação étnica, ainda que existam numerosas hipóteses colocadas para tentar resolver esta questão. O etnónimo olmeca foi cunhado pelos arqueólogos do século XX, e não devem confundir-se com os muito posteriores olmecas-xicalancas que ocuparam vários locais do México central, como Cacaxtla." (wikipedia.org/wiki/Olmecas em 22/5/2019, às 12h15).

¹⁹ "No início não havia nada além do Caos Primordial, o "Vazio". A partir desse Caos um ovo foi chocado por 18 mil anos. O Céu, a Terra e Pan Ku coexistiram em um estado de unidade dentro deste ovo negro. Ao romper o ovo, Pan Ku cria o universo, dando origem ao Céu e a Terra. Separando o Yin

que participou da criação do mundo na mitologia chinesa. Tem sua origem fundada em diversas tribos, simboliza o Império e a sabedoria. Carrega sempre uma pérola em uma das patas de quatro dedos e mantém o formato de serpente marinha numa junção com crocodilo e peixe. Esta figuração consolida o que diz a lenda²⁰ que supostamente vincula a criação do “dragão das águas marinhas” como é chamado entre os chineses e representa simbolicamente o esforço que o homem necessita para vencer os obstáculos de sua existência.

Figura 7 – Escultura no centro de Beijing (*Gu Gongo* em chinês), a cidade proibida. Um palácio da dinastia Ming, hoje um museu na praça de Tiananmen.



Fonte: <https://pt.dreamstime.com/foto-de-stock-dragão-proibido-beijing-do-palácio-da-cidade-image65540855>. Acessado em 22/5/2019 às 15hs.

O Deus chinês *Pan Ku*, também tem uma inteiramente imbricada com a Natureza. Segundo a mitologia chinesa, tendo criado o mundo, o deus descansou, transformando-se em elementos da Natureza. Sua respiração tornou-se o vento; sua voz, o trovão; seu olho esquerdo, o Sol; seu olho direito, a Lua; seu corpo transformou-se nas montanhas; seu sangue formou os rios; seus músculos, as terras; sua barba, as mudas e arbustos; seus pelos, as florestas; sua pele, o chão; seus ossos, os minerais; sua medula, as pedras sagradas; seu suor caiu como chuva; e as pequenas criaturas em seu corpo (como pulgas, e até bactérias), carregadas pelo vento, tornaram-se os seres humanos e animais espalhados pelo mundo.²¹

Yang com um golpe de machado. Yin, o mais pesado, afunda e torna-se a Terra, enquanto o Yang, mais leve, eleva-se para formar o céu. Pan Ku permaneceu entre eles sustentando o Céu. Após 18 mil anos, Pan Ku descansou” (https://pt.wikipedia.org/wiki/Pan_Ku, acessado em 22/5/2019, às 16h40).

²⁰ “Lenda de uma carpa que viu o topo de uma montanha e decidiu ir alcançá-la. Nadou rio acima, escalando correntezas e cachoeiras e não as deixando atrapalharem seu caminho. Quando alcançou o topo, lá havia a mística "porta do dragão" e a saltando se transformou no Grande Dragão Celestial! Acredita-se que diversas cachoeiras e cataratas na China poderiam ser a localização da porta do dragão”. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Dragão_chinês, acessado em 22/5/2019, às 16h).

²¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Pan_Ku, acessado em 22/5/2019 às 17h.

Pan Ku também é conhecido como *Hoan-Tsin*, personagem da mitologia chinesa que representa o caos primordial donde surgiu o céu e a terra. De acordo com a mitologia chinesa, *Hoan-Tsin* cresceu 30 quilômetros por dia durante 11.500 anos. Depois, quando se tornou grande demais para o universo, morreu.

Figura 8 – Pan Ku



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pan_Ku. Acessado em 22/5/2019 às 17h.

5 ÚLTIMAS ANOTAÇÕES

O homem é um ser sagrado que compõe a Natureza utilizando-se das benesses dos demais reinos, animal, vegetal e mineral, mas com a tarefa de preservá-los. Por ser criação de um Ser superior, que entendemos como Deus, e por ter em sua essência a divina centelha da vida inteligente doada pelo Pai Celestial, o homem possui a sacralidade que o acompanha na existência terrena mantendo sua vivência sincronizada com os desígnios divinos, mas criando ações sempre dependentes das leis que regem o Universo, e indelevelmente a Natureza terrestre. Leis Divinas e sagradas cujas consequências fornecem subprodutos utilizáveis e necessários à sobrevivência e evolução material e moral da humanidade.

Para a sacralidade que discorremos nos itens anteriores em a Natureza, o homem é um fazedor de mitos e consequentes rituais que representam situações diversas em que ele se submete com seus medos e desejos, para apropriar como o resultado dos eventos

festivos e/ou ritualísticos do sagrado, percepções de um futuro próximo ou indefinido mais atenuante dos sofrimentos que compõe sua rotina de vida.

Para essa capacidade criativa da espécie humana, onde os mitos representam todo um vigor de necessidades sagradas atendendo suas ansiedades presentes de angústias, alegrias, tristezas e prazeres de todas as formas, a Natureza é o seu principal ingrediente em que as características da flora e fauna enriquecem sua imaginação para produzir o vínculo suficiente entre as coisas e o seu deus, tornando as lendas que amparam a realidade sagrada do sincretismo religioso, o combustível para uma aproximação mais intensa com seu Criador.

Platão mostra racionalmente que o “filósofo é um homem divino e não um deus” (*Sofista* 216c), mas que filósofo é esse? Trago para a interpretação o filósofo como o homem comum “amigo do saber”²², cujas ideias do bem, do belo, da verdade, e do amor, estão no interior de si mesmo, contidas na centelha sagrada, recebida quando na sua criação – o Pai condicionou sua existência à perfectibilidade divina, no tempo futuro que a cada um está determinado pelo próprio Deus.

Na passagem platônica referida, em que Teodoro discorre e exalta o ‘estrangeiro’ de Eléia, seguidor de Parmênides e que se diz um sofista que estava ali para ensinar todas as coisas, vemos Sócrates concordar com o amigo, mas apontando que a sacralidade dos deuses se faz mais compreensível do que a identificação das mistificações apresentadas pelos homens que assumem aparências diversas devido sua ignorância:

TEODORO – Tal não é o costume do nosso estrangeiro, Sócrates. Ele é mais comedido do que os ardorosos amigos da Erística. Não o vejo como deus, mas parece-me um ser divino, pois chamo assim a todos os filósofos.

SÓCRATES – Tens razão caro amigo. Temo entretanto, tratar-se de um gênero que não é em nada mais fácil de determinar do que o gênero divino, Tais as aparências diversas de que ele se reveste ao juízo ignorante das multidões. (PLATÃO, 1972, p. 137).²³

²² Σοφιστήν (*Sophistés* – transliteração) Termo grego que identifica os homens que utilizavam suas habilidades retóricas para mostrar argumentos próprios a assuntos diversos, mas normalmente inconsistentes e sem fundamentações. Segundo Carlos Silva, em longo artigo inserido na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, para o verbete em questão existe um “sentido típico e predominantemente pejorativo, caracterizado por Platão, como um impostor, caçador interessado em jovens ricos, comerciante didático e atleta em combate verbalista ou erístico, purificador de opiniões, mas também malabarista de argumentos mais verosímeis do que verdadeiros, mais sedutores do que plausíveis...” (LOGOS, 1992, p. 1234, volume 4). Ver interpretações de Platão em *Apologia*, 19-29; *Meno*, 76 e ss; *Protágoras*, 317b-328b; *Górgias*, 482 e ss; *República*, 336b e ss; *Teeteto*, 151-152; *Sofista* 231d; *Leis*, 889e.

²³ TEODORO – Κατὰ τὴν χθὲς ὁμολογίαν, ὃ Σώκρατες, ἤκομεν αὐτοῖ τε κοσμίως καὶ τόνδε τινὰ ξένον ἄγομεν, τὸ μὲν

Essa passagem do diálogo platônico conduz a considerações acerca do sofista, tal qual as ideias inseridas nas civilizações cuja cultura e tradição apresentam o sincretismo do sagrado, vendo em animais e plantas as aparências dos seus deuses, idealizados pelas suas necessidades, como discorreremos no subitem anterior.

Sempre que o homem examina as coisas divinas, produz um modelo interpretativo condizente com seu *status* moral evolutivo, o que lhe permite olhar na flora e na fauna ao seu redor a sacralidade dos deuses que enchem seu imaginário, motivando a criação de lendas e rituais próprios às características de um sincretismo religioso que transpõe por toda a historicidade dos movimentos ideológicos das seitas que conhecemos.

A origem do mundo, o destino dos homens e a existência de um Deus, são temas enriquecidos pelas necessidades cognitivas dos seres humanos a produzir narrativas mítico-rationais, num oferecimento constante de interpretações sobre o Sagrado, contemplado nas propriedades do seu entorno físico, a própria Natureza. Esta, sempre à disposição, existe não só para atender seus propósitos de sobrevivência, mas, principalmente, para dar-lhe subsídios ao entendimento e respostas dos anseios de sobrenaturalidade existente no íntimo de cada homem, oriundos da centelha de Deus recebida em sua criação, concebida no simbolismo cristão de Adão, Eva e o jardim do Éden bíblicos.

Tanto no entendimento oferecido por Platão no *Timeu*²⁴ acerca da criação do mundo e dos homens pelo seu *Demiurgo* – o deus artesão –, quanto no exposto no *Gênese* do Velho Testamento, as ideias contidas nesses textos sugerem essa sacralidade, ou melhor, a interferência divina de um Ser superior a toda a criação, que se manifesta em hierofania,²⁵ assim definido por Mircea Eliade “O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania.” (ELIADE, 2008, p. 17). Utilizo ainda, para consolidar nossa interpretação

γένος ἐξ Ἑλέας, ἐταῖρον δὲ τῶν ἀμφὶ Παρμενίδην καὶ Ζήνωνα [ἐταίρων], μάλα δὲ ἄνδρα φιλόσοφον.
SÓCRATES – Ἄρ' οὖν, ὦ Θεόδωρε, οὐ ξένον ἀλλὰ τινα θεὸν ἄγων κατὰ τὸν Ὀμήρου λόγον λέληθας; ὅς φησιν ἄλλους τε θεοὺς τοῖς ἀνθρώποις ὁποῖοι μετέχουσιν αἰδοῦς δικαίας,

²⁴ Ver o diálogo platônico *Timeu* que “estabelece a constituição do mundo sensível e, posteriormente, dos seres que o habitam com particular evidência para o Homem”, assim Rodolfo Lopes o considera na Introdução da tradução editada pela CECH em 2011. (PLATÃO, 2011, p. 23).

²⁵ Hierofania – termo oriundo do grego *hieros* (*ιερός*) = sagrado e *faneia* (*φαίνειν*) = manifesto/revelação) podendo ter como conceituação endo s ser definido como o ato de manifestação do sagrado

acerca das representações do sagrado através da fauna e flora pelas lendas de cunho religioso, o que mais adiante Eliade observa:

Para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania. O homem das sociedades arcaicas tende a viver tanto quanto possível o sagrado ou na privacidade dos objetos consagrados. (ELIADE, 2008, p. 18).

Os homens de ciência e tecnologia hodiernos e os próprios pensadores e filósofos, com a intensidade oposicionista entre as ideias racionais e religiosas, não atentam para as manifestações do Sagrado que pululam o dia-a-dia da humanidade. Seja qual for o espaço geográfico ocupado, seja a ideologia de fundamento religioso professada, seja o desenvolvimento social, seja a educação pessoal; qualquer habitante desse planeta, que agradecido ou não pela sua criação nele convive, está sujeito a se deparar com as interferências do Sagrado. Lendas, historicidades e tradições fazem parte do imaginário que alimenta a contínua vinculação do homem ao seu criador, e para tanto, a Natureza, com todos os seus atributos é o único veículo que o homem possui para ver, ouvir, sentir e compreender os ensinamentos de Deus, sendo infinitamente necessária a sua conservação, para não nos depararmos no futuro apenas com as nossas próprias lendas desprovidas dos exemplos da realidade da fauna e flora que estão agonizantes pelos atos do próprio homem.

REFERÊNCIAS

- ASLAN, Reza. **Deus – Uma história humana**. Tradução de Marlene Suano. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BÍBLIA. **Bíblia de Estudo DESPERTAR – Nova tradução na linguagem de hoje**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- BRANDÃO, Junito de Souza. **Três volumes**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. **Judaísmo, cristianismo e helenismo: ensaios acerca das interações culturais no Mediterrâneo Antigo**. São Paulo: Fapesp, 2007.
- CREMO, Michael A. e THOMPSON, Richard L. **A história secreta da raça humana**. Tradução de Bhaktivedanta Book Trust (BBT Brasil). São Paulo: Aleph, 2008.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FURST, Peter T. *Jaguar Baby or Toad Mother: A New Look at an Old Problem in Olmec Iconography*. In BENSON, E. P (Ed). **The Olmec and Their Neighbors**. Washington D.C.: Dumbarton Oaks, 1981, pp 149–162.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

HARARI, Yuval Noah. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM Editores, 2017.

LOGOS. **Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia**. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1992. (Cinco Volumes).

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Maria Stela Gonçalves, Adail U. Sobral, Marcos Bagno e Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 2ª edição. (Quatro Tomos).

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Tradução de Walter O. Schlupp. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

PLATÃO. **Sofista**. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1972. Coleção *Os Pensadores* Volume II.

_____. **Timeu-Crítias**. Tradução do grego, introdução e notas de Rodolfo Lopes. Coimbra, PT: CECH – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

SPINELLI, Miguel. **Questões fundamentais da filosofia grega**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

(Recebido em maio de 2019; aceito em junho de 2019)